

US\$ 6,00

ÉPOCA

A MODERNA REVISTA SEMANAL DE INFORMAÇÃO



R\$ 6,90 N° 349
24 janeiro 2005

www.epoca.com.br

Marcelo Talarico, 43, mudou de cidade para ficar mais perto dos filhos, Gabriel e Marco Antônio



NESTA EDIÇÃO



EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

O que eles aprendem com a separação?

Psicólogos mostram o que essas crianças têm a mais que as outras

Filhos do divórcio

Chico abre uma brecha

Chico Buarque é estrela de um especial de TV, mas continua cuidadoso com a mídia e protegido das críticas

ANA ARANHA

Para um artista reservado e famoso pela timidez, Chico Buarque até que tem bastante visibilidade. Aparecendo ou não na mídia, tecendo ou não livros e discos à altura de seu prestígio, ele vive em cartaz e raramente entra no paredão de críticas demolidoras. O compositor e escritor está agora em um de seus momentos de exceção. Depois de ficar dois anos imerso na produção de *Budapeste*, seu último livro, e um dedicado às traduções da obra, ele finalmente rompeu o silêncio. Em entrevistas ao amigo e diretor Roberto de Oliveira, falou sobre seu trabalho, parceiros, política e – não podiam faltar – mulheres. O resultado é um especial de três episódios, recheados de depoimentos, e a promessa de mais sete programas no mesmo formato. O primeiro deles irá ao ar na quarta-feira 26, com exclusividade para os assinantes da DirecTV, e traz de lambuja a mais nova música do compositor, “Renata-Maria”.

Para alguns de seus admiradores, essa será uma rara chance de ouvir a voz do autor falando sobre si mesmo. Chico é dos poucos artistas que não dependem da exposição de seu nome na mídia, nem mesmo do lançamento de produtos em curtos períodos de tempo. A qualidade de sua obra sustenta os anos de ausência e, de certa maneira, essas ausências aumentam a expectativa pelas novas obras. Mas a reserva em relação à imprensa lhe rendeu uma fama difícil de desmentir, a da timidez. E a mesma característica, que parece atrair ainda mais os suspiros das fãs, já foi motivo para ares de reprovação por parte do pai, o historiador Sérgio Buarque de Holanda. “A imagem que o público fixou de meu filho não é corre-

ta. Para o público, Chico é tímido (antes de tudo, tímido), bonzinho, retraído. Nada disso. (...) Trata-se de uma pessoa normal, alegre, sem problemas graves de personalidade.” O depoimento faz parte da mostra *Chico Buarque, o Tempo e o Artista*, atualmente no Sesc Pinheiros, em São Paulo.

Regina Zappa, responsável pela biografia autorizada do compositor, garante que timidez não é o caso de Chico. “Ele é um artista que se dá o tempo necessário para produzir de forma elaborada. Quando a obra está acabada, não quer ficar somando comentários.” Segundo a biógrafa, a ideia da reserva é evitar que o culto à personalidade ofusque seu trabalho.

Chico voltou ao assunto no fim de 2004, em entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo*, deixando claro que continua

OUTRO COMPASSO
A qualidade da obra sustenta os longos períodos de ausência

Vicente de Paulo/Ed. Globo

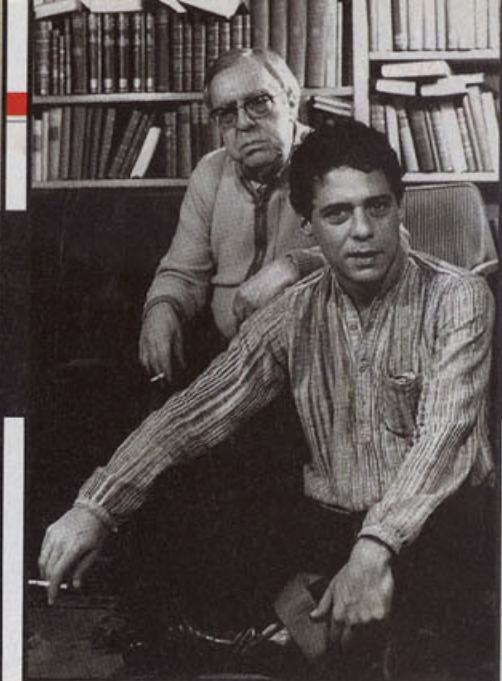


OPOSTOS Caetano e Chico seguiram trajetórias distintas tanto na composição quanto na postura pública. Um aposta na polêmica, o outro na discrição

Foto Wainer/divulgação

cultivando a postura reservada com cuidado dobrado. Prova disso foi o lançamento discreto de *Budapeste*. O autor tenta evitar que o imaginário em torno de si influencie o julgamento sobre a obra – algo quase impossível.

O crítico Tárk de Souza explica que a demora entre um lançamento e outro se justifica pelo rigor do artista. “Nos últimos 15 anos, ele tem feito músicas que não têm impacto direto, mas vão se fixar com o tempo. Ele está numa outra velocidade.” Para o crítico, Chico virou o autor da fidelidade e da permanência. “Por isso pode ser tachado de tradicionalista, como foi nas disputas dos festivais de música.” Chico sempre foi um praticante e defensor da música urbana de raiz – o samba. Ao encontrar Roberto Carlos no II Festival da Record, em 1966, deu um puxão de ore-



EM DEFESA Para Sérgio Buarque, a imagem que se fixou de um Chico tímido não é correta

lha no rei do iê-iê-iê. “Você precisa cantar músicas brasileiras”, repreendeu-o.

Antes de virar referência da música politizada no fim dos anos 60, Chico foi cobrado, como Roberto e Caetano Veloso, por não compor letras engajadas contra a ditadura e valorizar os versos líricos. Ao longo do percurso, porém, Caetano e Chico, os principais protagonistas da MPB da geração que surgiu nos anos 60, seguiram caminhos distintos.

Em relação à composição, Tárk avalia que Chico trabalhou para estabelecer um elo entre o choro e a música moderna, e Caetano se preocupou com as tendências do futuro. Já no que diz respeito à postura pública dos artistas, Chico é ícone da discrição e Caetano da polêmica. Se um milita em silêncio por certas causas políticas, o outro faz muito barulho por causas menos legitimadas, como os elogios a Sandy e a inclusão do funk “Só um Tapinha não Dói” no repertório de um show. Levou bordoadas.

No caso de Chico, é difícil encontrar quem questione com contundência sua obra. Seu público, acredita Regina Zappa, também se diversificou – em idade e classe social. Para ela, ele está consagrado ao lado de ícones como Pixinguinha, Tom Jobim e até Villa-Lobos. Chico, parece, virou mito em vida enquanto produz e parece ter uma blindagem à prova de críticas. Daí o crédito com o público, que aguarda novos trabalhos, sem reclamar do ritmo próprio do artista. ■

@ Biografia, músicas e fotos em www.epoca.com.br